

CONSTRUTORES E ARTÍFICES ITALIANOS NO ECLETISMO DO SUL DO RIO GRANDE DO SUL: 1870-1931

Carlos Alberto Ávila Santos
Universidade Federal de Pelotas
Instituto de Artes e Design
Departamento de Artes e Comunicação
Rua Alberto Rosa, 62
betosant@terra.com.br

RESUMO:

Este artigo trata dos construtores e artífices italianos atuantes na arquitetura eclética historicista que se desenvolveu em seis cidades do sul do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1870 e 1931. A proximidade das linhas fronteiriças com a Argentina e com o Uruguai, a navegação e as estradas de ferro favoreceram a imigração destes estrangeiros, de diferentes materiais e de novas técnicas construtivas utilizadas na construção civil, como também do novo estilo arquitetônico de origem européia, introduzido na região por estes imigrantes. Depois de estágios em Buenos Aires ou em Montevideú, alguns deles se deslocaram para as cidades da campanha gaúcha, em fase de urbanização.

Palavras-chave: Ecletismo, Arquitetura, História da Arte.

ABSTRACT:

This article is about the Italian builders and craftsmen working in historicist eclectic architecture, which was developed in six cities in the South of the state of Rio Grande do Sul, between 1870 and 1931. The proximity to the borders with Argentina and Uruguay, the navigation and the railroads made the immigration of these of foreigners easier, as well as the one of new materials and techniques used in construction, and also of this new architectural style of European origins, introduced in the region by the immigrants. After trainings in Buenos Aires or Montevideo, some of them moved to cities in Rio Grande do Sul which were in process of urbanization.

Key-words: Eclecticism, Architecture, History of Art.

INTRODUÇÃO

Entre os anos de 1870 e 1931, o ecletismo historicista se desenvolveu na arquitetura edificada em seis cidades da região sul do Rio Grande do Sul: Rio Grande, Pelotas, Bagé, Jaguarão, Santana do Livramento e Santa Vitória do Palmar. A então moderna estética arquitetônica eclética foi contemporânea dos melhoramentos realizados nos espaços coletivos e privados dessas localidades – a pavimentação e arborização das ruas, a organização dos logradouros públicos em praças, a implantação das canalizações de água e de esgotos, a instalação das redes de iluminação elétrica –

decorrentes do desenvolvimento das cidades e do enriquecimento das classes dominantes, embasados nas exportações de produtos originados das criações de gado, a principal riqueza da campanha gaúcha.

Em Rio Grande, Pelotas e Bagé, o estilo de origem européia foi introduzido por construtores italianos. Nas três últimas décadas do século XIX, que definimos como o período de “consolidação” da estética historicista eclética, os projetos arquitetônicos realizados se caracterizaram por edificações assobradadas,¹ com composições de fachadas tripartidas que respeitam o equilíbrio simétrico, cujos estilemas são de influência italiana. No sentido horizontal, as fachadas são divididas em três módulos; os centrais se destacam dos laterais através de reentrâncias ou saliências, o que é reforçado pelas pilastras e pelos frontões que os arrematam. No sentido vertical, os frontispícios são compostos pelo porão alto, pela fachada propriamente dita e pelo coroamento feito pelas platibandas e frontões, enriquecidos com elementos funcionais e ornamentais de estuque, de ferro fundido ou forjado e de estátuas de cerâmica alouçada.

Nas três primeiras décadas do século XX, que denominamos como o período de “desenvolvimento” do estilo eclético historicista, as fachadas perderam o equilíbrio simétrico. Somaram-se às características italianas iniciais as influências francesa, germânica e inglesa, introduzidas por novos construtores. Surgiram as vilas residenciais² e as vilas operárias.

A localização de Rio Grande, Pelotas e Bagé junto à fronteira com os países platinos facilitou a chegada desses imigrantes italianos, também viabilizou, através da linha fronteiriça com o Uruguai, a importação de novos materiais e técnicas construtivas. Na Europa, a industrialização concorreu para o abandono pelas populações da vida no campo, uma grande parte de trabalhadores se deslocou para as cidades em busca de emprego nas fábricas, o que gerou o aumento vertiginoso da densidade populacional das urbes e implicou no desemprego. Na busca de melhores condições de vida e de trabalho, muitos europeus deixaram seus países de origem e cruzaram o Atlântico em direção ao Novo Mundo.

Entre os imigrantes atuantes nas obras de engenharia e de arquitetura, destacamos nas cidades de Rio Grande, Pelotas e Bagé os italianos Bartolomeu Isella, José Isella,³ Guilherme Marcucci,⁴ Davi Zanotta, Carlos Zanotta, Luis Zanotta,⁵ Jerônimo

Casaretto,⁶ José Obino, Pedro Obino, Sebastião Obino,⁷ Domingos Rocco,⁸ Ricardo Giovanini e João Canova Calfofer.⁹ A maior parte deles, depois de um período em Buenos Aires ou Montevideú, se trasladou para as cidades da fronteira meridional do Brasil, em fase de urbanização. Na época, na região da campanha, projetistas e construtores não possuíam o título de arquiteto. Imigrantes ou não, salvo alguns exemplos, arquitetavam a partir da *práxis* nos canteiros de obras sob a orientação de um familiar, ou de um mestre mais experiente.¹⁰ Os conhecimentos adquiridos e materializados nas edificações, a inscrição dos construtores junto às intendências e o pagamento de impostos às administrações geravam a liberação dos mesmos para o exercício da profissão.¹¹

A navegação – marítima, fluvial e lacustre – e a estrada de ferro que ligou Bagé, Pelotas e Rio Grande no ano de 1884, permitiram as exportações, viabilizaram a chegada dos imigrantes pelo porto de Rio Grande e a circulação desses construtores entre as três cidades. Os navios e os trens também possibilitaram a importação e a distribuição dos mais variados equipamentos empregados nos melhoramentos urbanos e de materiais funcionais e ornamentais utilizados nas fachadas dos prédios ecléticos edificados durante o período: ferragens, estuques, estátuas de cerâmica alouçada e vidros coloridos. Atendendo a demanda construtiva, rapidamente surgiram em Pelotas – a mais cosmopolita das três localidades – ateliês, manufaturas e “*vidrarias*” que copiavam, criavam e multiplicavam esses elementos funcionais e ornamentais, que segundo as publicidades dos jornais da época, concorriam em qualidade e beleza com aqueles importados.

No mês de julho de 1879, a fábrica *Miguel Fernandes & C.* anunciou no *Correio Mercantil* de Pelotas, o sortimento de balaústres de diversos gostos e variados vasos, pirâmides, globos e pinhas para platibandas. A *Fabrica de Louças* de barro, situada na Rua *Paysandú* (atual Barão de Santa Tecla)¹² ofereceu pelo mesmo jornal no mês de junho de 1890, balaústres, pinhas, globos e “*efeitos*” de platibandas e jardins. Os elementos rivalizavam em qualidade e perfeição com aqueles “*importados da Europa*”.

No final de março de 1893, o *Diário Popular* noticiou a chegada no porto de Pelotas, de uma turma de operários da *Vidraria Pelotense*. De nacionalidade francesa, os “*operários vidreiros*” tinham embarcado em Montevideú. Três meses depois, outro

grupo desembarcou no porto. Procedente de Buenos Aires, o grupo era formado por artífices portugueses e franceses. No mês de julho desse mesmo ano, a *Vidraria Pelotense* montada com todos os recursos da “*sciencia moderna*”, divulgou a execução de qualquer encomenda para vidraças e de outros artigos pertinentes a sua indústria.

No final de setembro de 1906, o artista Gualtiero Kent ofereceu os seus serviços através do *Diário Popular*: “*perito*” gravador de vidros e “*proficiente*” restaurador de espelhos. Originado de Buenos Aires, o artista empregara-se na cidade e trabalhara nas marcenarias *Sem Rival* e *A Brasileira*, que garantiam as suas aptidões. Outra firma pelotense chamada *Vidraria Vieira de Souza & C.*, anunciou no *Diário Popular* em dezembro de 1912 a grande quantidade de vidros para vidraças, de todas as qualidades e cores.

Os elementos funcionais e ornamentais eram organizados pelos construtores e reunidos em “*collecções variadas*”, em catálogos com projetos para as fachadas dos prédios. No mês de outubro de 1875, os “*habeis artistas architectos*” *Bracheiras, Silva & C.*, estabelecidos em Pelotas na Rua Andrade Neves, anunciaram no *Correio Mercantil* os desenhos criados para edifícios térreos, assobradados, sobrados, chalés e casas de campo. Os planos criados obedeciam aos “*preceitos da arte moderna*” e, as “*diferentes ordens de architectura*” achavam-se “*magnificamente*” combinadas num grande número de projetos.

Criou-se assim, um imaginário arquitetônico, desenvolvido nas fachadas das residências edificadas para as classes dominantes, que através das ornamentações das imponentes caixas murais dos prédios, salientavam o poder e a riqueza das elites das cidades: as estátuas de gosto clássico, de águias, de dragões alados e de leões; os estuques dos capitéis dóricos, jônicos, coríntios, toscanos ou compósitos, dos frontões gregos ou cimbrados; os monogramas dos proprietários trabalhados em estuque sobre os frontões, ou com ácido sobre as vidraças; os gradis de ferro forjado ou fundido dos balcões, portões e gradis.

Esses elementos se repetiram nas composições das fachadas da arquitetura civil pública de caráter comercial (lojas, mercados, casas bancárias e hotéis) e administrativo (intendências), de uso público ou semipúblico (estações férreas, clubes, teatros e cinemas), nos prédios institucionais (escolas, igrejas, hospitais e

quartéis), nas edificações fabris (usinas elétricas e indústrias). De maneira simplificada, foram também empregados nas construções de residências erguidas para a classe pequeno burguesa, nas casas edificadas para aqueles menos favorecidos economicamente e nas vilas operárias.

OS CONSTRUTORES E ARTÍFICES ITALIANOS

O italiano José Isella contribuiu para a introdução da estética eclética nas fachadas edificadas no espaço urbano de Pelotas. Segundo a pesquisadora Ceres Chevalier, “[...] Isella pertencia a uma família de artesãos, artistas e construtores. Possuía instrução em escultura e arquitetura”.¹³ Aos vinte e um anos, veio para a América do Sul com o pai e um irmão, no ano de 1864, como fizeram vários imigrantes que se dirigiram ao Novo Mundo em busca de trabalho. Depois de um período em Buenos Aires, o construtor italiano chegou a Pelotas juntamente com o irmão Bartolomeo, provavelmente em 1867. Os dois irmãos se engajaram nas obras de edifícios ecléticos erguidos na cidade. José executava os projetos e Bartolomeo trabalhava como construtor.

Uma das primeiras obras realizadas foi a residência do charqueador Felisberto Gonçalves Braga, em 1871, mais tarde adquirida pelo Clube Comercial e transformada em sede social. Quatro anos depois, os dois irmãos edificavam a residência de Cândida Dias, situada na Rua Andrade Neves. Durante as obras, Bartolomeo sofreu um acidente e faleceu, teve traumatismo craniano causado pela queda de um andaime. A residência foi finalizada pelo projetista italiano enlutado, buscando as proporções clássicas e utilizando elementos ecléticos, ocupando por inteiro o lote de meio de quadra. No frontão enfeitado com esculturas de louça, uma cartela exhibe as iniciais do nome da proprietária e a data da construção, 1875, em números romanos. O frontão determinado por linhas curvas e volutas apresenta cartela com acantos e rocalhas, peculiares ao maneirismo e ao barroco italiano.

José Isella continuou na cidade e obteve novos contratos para diferentes obras arquitetônicas. Em 1876, executou o projeto da residência da baronesa do Jarau, Cândida Clara de Assumpção. Em seguida, associou-se a outro imigrante italiano construtor, Dionísio Guilherme Marcucci, com quem criou a firma *Isella & Marcucci*, responsável pela construção da capela de São João Batista da Santa Casa de Misericórdia.¹⁴

No mês de janeiro de 1878, os construtores estrangeiros dissolveram amigavelmente a sociedade em consequência da viagem de Isella à Europa,¹⁵ onde casou-se na Itália no mesmo ano.¹⁶ De volta ao Brasil e a Pelotas, em 1880, projetou a reforma do sobrado do barão de Butuí. Em 1881, construiu a edificação de uso misto de propriedade de Antônio Raimundo de Assumpção (demolida). Em 1888, assinou o “plano” do prédio térreo da Biblioteca Pública Pelotense. No final dos anos oitenta do século XIX, voltou definitivamente à sua terra.

O italiano Guilherme Marcucci nasceu em San Geminiano, na região da Toscana, no ano de 1838. Estabelecido em Pelotas, colaborou em reformas e acréscimos nos Hospitais da Santa Casa e da Beneficência Portuguesa.¹⁷ Na Santa Casa de Misericórdia, como já foi assinalado, entre os anos de 1877 e 1884, trabalhou juntamente com José Isella na edificação da capela de São João Batista, que apresenta cúpulas nervuradas e tambores octogonais peculiares à Renascença, frontão com o brasão imperial brasileiro e estátuas das alegorias barrocas da Fé e da Caridade. Guilherme Marcucci faleceu em Pelotas em maio de 1901.

Os irmãos Davi e Carlos Zanotta migraram da Itália para o Brasil em 1870, aportaram em Montevideu e dirigiram-se em seguida para Pelotas, onde firmaram contrato com a Intendência Municipal no mês de maio de 1871. O mais velho, Davi, era engenheiro hidráulico. Carlos era especialista em cantaria. Logo em seguida se somou aos primeiros o irmão caçula, Luis. Os Zanotta participaram da implantação de parte das canalizações das redes de água da *Hidráulica Pelotense*, das colocações de penas nas casas e da instalação dos quatro chafarizes franceses no espaço urbano da cidade.¹⁸

Quando da organização do antigo logradouro coletivo que se constituiu na atual praça Coronel Pedro Osório, em 1877, Carlos Zanotta arrematou o concurso para o embasamento de pedra e alvenaria do gradil e dos passeios que circundavam o jardim público.¹⁹ Dois anos depois, foi também responsável pela construção do lago na mesma praça.²⁰ Em 1879, assinou contrato com a administração da cidade para a edificação da Intendência Municipal, projetada pelo engenheiro Romualdo de Abreu e Silva. Com o irmão Luis, Carlos Zanotta construiu o palacete da baronesa do Arroio Grande (demolido). Durante as obras Luis caiu de um andaime e faleceu. Em 1886,

Carlos Zanotta transferiu-se para Piracicaba, onde atuou em diferentes obras de arquitetura. O construtor morreu em São Paulo, no ano de 1931.

Ainda em Pelotas, outro construtor de origem italiana se destacou durante o período eclético historicista. Caetano Casaretto nasceu em Rio Grande no mês de agosto de 1862. Era filho do construtor italiano Jerônimo Casaretto, que se aventurou a “fazer o mundo” do outro lado do oceano Atlântico, como tantos outros imigrantes europeus. A família Casaretto desembarcou em Buenos Aires e chegou em navio ao porto de Rio Grande, estabelecendo-se em Pelotas.²¹ Caetano não tinha formação acadêmica, aprendeu o ofício da construção com o pai e através de livros especializados na área, que importava da Europa. Foi discípulo e amigo de José Isella, com quem trabalhou desde pequeno.²²

Mais tarde, Caetano Casaretto interferiu em dois edifícios realizados por seu mestre José Isella. O primeiro, o projeto de reconstrução e ampliação do palacete do charqueador Felisberto Braga, adquirido e transformado em sede do Clube Comercial e, arrasado por incêndio no ano de 1908. O segundo, a edificação do segundo pavimento da Biblioteca Pública Pelotense, realizada entre os anos de 1913 e 1915. Projetou o Clube Caixeiral, concluído em 1905. Também foi responsável pela reforma efetuada na Intendência Municipal, entre novembro de 1909 e abril de 1911. Para o frontispício da Intendência moldou em massa de cimento o brasão republicano, que substituiu, no frontão, o antigo brasão imperial. Na fachada da Biblioteca empregou cariátides que suportam o frontão ornamentado com um globo e cartelas com palavras de ordem positivista – *trabalho, instrução, progresso*. Caetano Casaretto faleceu em Pelotas no mês de junho de 1942.

Noticiou o *Diário Popular*, no mês de junho de 1918, o retorno de Filadélfia, nos Estados Unidos, do recém formado “engenheiro-architecto” Carlos Casaretto Scotto, sobrinho de Caetano Casaretto. Carlos Casaretto Scotto foi responsável pela edificação da ala esquerda do prédio da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, erguida entre os anos de 1930 e 1932.

Em 1861, com 26 anos de idade,²³ o construtor José Obino veio com os pais e os irmãos menores para o Uruguai, de onde se deslocou para a construção da igreja matriz de São Sebastião, erguida em Bagé no ano de 1862. A fachada criada apresenta elementos clássicos, como as três portas de entrada com vergas em arco

romano e as quatro colunas com capitéis dóricos. As torres sineiras apresentam frontões triangulares e são arrematadas por calotas na forma de bulbos, elementos estranhos ao classicismo explorado na fachada do templo. Após o término das obras, José Obino radicou-se em Porto Alegre, onde montou uma oficina de esculturas em mármore para túmulos.²⁴

José Obino também projetou o Teatro 28 de Setembro de Bagé (demolido), a caixa mural do edifício de esquina apresentava elementos funcionais e ornamentais que caracterizaram o classicismo italiano introduzido pelo construtor na arquitetura de Bagé. O cenógrafo também italiano Ricardo Giovanini, que chegou à cidade no ano de 1855, fixou-se em Bagé e realizou as pinturas internas da casa de espetáculos. Mais tarde, transferiu-se para Rio Grande,²⁵ onde executou as decorações e pinturas do Teatro 7 de Setembro.²⁶

José Obino instruiu seus irmãos mais novos no ofício da construção. O irmão mais moço de José, Pedro Obino, projetou na cidade de Bagé a residência do deputado Domingos Mascarenhas.²⁷ Na fachada principal, o módulo central dá entrada para uma varanda. Esse vestíbulo semiaberto é separado da rua através de paredes de alvenaria que simulam a continuidade do porão alto e encerram um portão com gradis de ferro, ornamentado com monogramas do proprietário, que se repetem nas vidraças das janelas e da porta de entrada. Sobre os pilares que se desenvolvem desde os socos, elevam-se colunas que suportam arcos romanos. No interior da varanda, cujas paredes são revestidas com escaiolas, a escadaria leva à porta de acesso ao interior.

Pedro Obino morou e trabalhou em Porto Alegre, Pelotas e Bagé.²⁸ Na última cidade, foi responsável pelas obras de edificação do Clube Caixeiral, inaugurado em abril de 1911. Em Pelotas, firmou contrato com o “*abastado capitalista*” pelotense Martim Bidart, para a edificação de um prédio cujo “*estyllo architectonico*” reunia “*majestade e elegância*”. No interior do “*bello e luxuoso*” palacete, chamava atenção o “*magnifico*” salão de inverno, “*espaçoso, elegante e inundado de luz*” pelo teto de ferro e vidros coloridos. Envolvido com outros projetos, Pedro Obino não pôde executar a planta projetada e confiou a realização da mesma a Caetano Casaretto que, como já foi sinalizado, nasceu em Rio Grande quando do traslado de sua família da Itália para o Brasil.²⁹

O filho caçula da família Obino, Sebastião, foi iniciado na área de arquitetura pelos irmãos mais velhos. Sebastião Obino trabalhou em parceria com Pedro Obino na cidade de Bagé. Em Pelotas, no mês de dezembro de 1908, venceu a concorrência para a execução do projeto de Caetano Casaretto para a reconstrução e ampliação da sede do Clube Comercial, arruinada por um incêndio.

Em Rio Grande, entre os anos de 1893 e 1894 ergueu a sede do Comando de Guarnição e Fronteira do Exército, cujo projeto foi executado pelo major e engenheiro Antonio Gomes da Silva Chaves. Na fachada principal, um brasão da República encima o frontão que faz o coroamento do módulo central, no tímpano do frontão estão dispostos símbolos das Armas do Exército – canos e balas de canhão, espadas, lanças e baionetas –, que emolduram a cartela com a data da construção do prédio. Essas decorações foram moldadas em massa de cimento pelo mestre de obras e escultor italiano João Canova Calfofer.³⁰

No mês de novembro de 1898, se encontrava em Pelotas, procedente de Porto Alegre, o “*architecto constructor*” italiano Domingos Rocco, que pretendia fixar residência na cidade, estabelecendo também uma firma de construções. Nesse mesmo mês, um anúncio do *Diário Popular* solicitou a atenção dos leitores: “[...] *D. F. Rocco – architecto constructor – Encarrega-se de confeccionar projectos para [...] qualquer estylo architectonico, assim como de construir todo e qualquer edificio [...] casas, palacetes, palacios, edificios publicos, templos, etc. [...]*”.³¹

Em dezembro de 1898, Domingos Rocco assinou contrato com a administração da cidade de Bagé, para a construção do Paço Municipal. O edifício – com dois andares e sem porão – foi inaugurado pelo intendente José Octavio Gonçalves em fevereiro de 1900. Rocco também projetou a residência do intendente, edificada quatro anos depois do palacete administrativo.³²

CONCLUSÃO

Nas três últimas décadas do século XIX e nas três primeiras do XX, o ecletismo historicista se manifestou na arquitetura edificada nas cidades da fronteira meridional do Brasil: Rio Grande, Pelotas, Bagé, Jaguarão, Santana do Livramento e Santa Vitória do Palmar. A estética arquitetônica foi contemporânea dos melhoramentos urbanos empreendidos pelas administrações nestas localidades, que responderam

às idéias de urbanistas e de higienistas da época, resultaram do crescimento das cidades e do enriquecimento de suas elites, fundamentados na exportação de produtos originados das criações de gado.

A navegação – marítima, fluvial e lacustre – e a estrada de ferro possibilitaram as exportações e favoreceram as importações de diferentes materiais e técnicas modernas utilizadas nas obras de engenharia e de arquitetura. Os trens e navios permitiram a imigração e a circulação entre estas cidades dos mais variados artistas, artífices e construtores, os quais atuaram nas edificações e nas ornamentações dos prédios erguidos – privados, públicos e semipúblicos – com diferenciadas funções. A localização das cidades junto à linha de fronteira facilitou as comunicações com as capitais platinas, as trocas de mercadorias e de elementos funcionais e decorativos aplicados nos interiores ou nas caixas murais dos edifícios, a chegada de construtores e artífices originados do Velho Mundo, que, depois de estadias em Buenos Aires ou em Montevideú, se deslocaram para as cidades gaúchas em busca de melhores condições de trabalho.

O ecletismo historicista da região da campanha foi introduzido e desenvolvido – em grande parte – pelos construtores italianos imigrantes. O então moderno estilo arquitetônico satisfez os interesses das administrações e das classes dominantes em externar seu desenvolvimento, cultura e riqueza. Na arquitetura de Bagé, Pelotas e Rio Grande se destacaram os irmãos Isella, os irmãos Zanotta, os irmãos Obino, Guilherme Marcucci, Domingos Rocco, Ricardo Giovanini e João Canova Calfoser. De origem italiana, mas nascidos no Novo Mundo foram Caetano Casaretto e Carlos Casaretto Scotto. Alguns deles se fixaram por pouco tempo nessas cidades e depois voltaram para os seus países de origem ou se deslocaram para novos pólos urbanos brasileiros. Outros perderam a vida em acidentes de trabalho. Muitos se fixaram nessas localidades, constituíram família e no sul do Rio Grande do Sul morreram e estão sepultados. Estudos realizados sobre a arquitetura erguida na região revelaram a atuação desses construtores e artífices que se aventuraram, por meio dos navios e dos trens, em constituir uma nova vida no Novo Mundo.

¹ Edifícios embasados por altos porões.

² Residências com dois pavimentos erguidas no centro dos lotes de terrenos organizados em jardins pitorescos.

-
- ³ CHEVALIER, Ceres. **Vida e obra de José Isella**: arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX. Pelotas: Livraria Mundial, 2002. p. 45.
- ⁴ CABRAL, Helen e ÁVILA, Ricardo. Guilherme Marcucci. In: GUTIERREZ, Esther (Org.) **Marcucci, Zanotta e Casaretto constroem o sul do Novo Mundo**. Pelotas: Ed. UFPel, 2005. pp. 25 a 59.
- ⁵ BASSANI, Juliana, ASSIS, Maria e RIEMKE, Otávio. Carlos Zanotta. In: GUTIERREZ. Op. cit. pp. 65 a 126.
- ⁶ LEITE, Cristiano, BARCELLOS, Débora e VIANA, Taís. Caetano Casaretto. In: GUTIERREZ. Op. cit. pp. 135 a 197.
- ⁷ FAGUNDES, Elisabeth Macedo de. **Inventário Cultural de Bagé**: um passeio pela história. Porto Alegre; Evangraf, 2005. p. 349.
- ⁸ SANTOS, Carlos Alberto Ávila, **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931**. Tese (Doutorado em Arquitetura – área de Conservação e Restauro) Universidade Federal da Bahia, 2007. p. 251.
- ⁹ Ibid. pp. 263 e 299.
- ¹⁰ Ibid. p. 205.
- ¹¹ Ibid. p. 65.
- ¹² MAGALHÃES, Mario Osório. **Os passeios da cidade antiga**. Pelotas: Armazém Literário, 1994. p. 92.
- ¹³ CHEVALIER. Op. cit. p. 59.
- ¹⁴ Ibid. p. 69.
- ¹⁵ SANTOS. Op. cit. p. 161.
- ¹⁶ CHEVALLIER. Op. cit. p. 69.
- ¹⁷ CABRAL, Helen e ÁVILA, Pablo. Guilherme Marcucci. In: GUTIERREZ. Op. cit. p. 25.
- ¹⁸ BASSANI, Juliana, ASSIS, Maria e RIEMKE, Otávio. Carlos Zanotta. In: GUTIERREZ. Op. cit. p. 72.
- ¹⁹ SANTOS. Op. cit. 113.
- ²⁰ Ibid. p. 114.
- ²¹ LEITE, Cristiano, BARCELLOS, Débora e VIANA, Taís. Caetano Casaretto. In: GUTIERREZ. Op. cit. p. 135.
- ²² CHEVALIER. Op. cit. p. 71.
- ²³ DAMASCENO, Athos. **Artes plásticas no Rio Grande do Sul (1875-1900)**. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 156.
- ²⁴ WEIMER, Günter. A fase historicista da arquitetura no Rio Grande do Sul. In: FABRIS, Annateresa. (Org.) **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel, 1987. p. 265.
- ²⁵ FAGUNDES. Op. cit. p. 438.
- ²⁶ SANTOS. Op. cit. p. 263.
- ²⁷ FAGUNDES. Op. cit. p. 349.
- ²⁸ Ibid. p. 69.
- ²⁹ SANTOS. Op. cit. p. 197.
- ³⁰ Informação obtida em folder elaborado e distribuído pela Secretaria Municipal e pelo Centro Municipal de Cultura da cidade de Rio Grande.
- ³¹ SANTOS. Op. cit. 251.
- ³² Ibid. p. 251.

Referências

CHEVALIER, Ceres. **Vida e obra de José Isella**: arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX. Pelotas: Livraria Mundial, 2002.

DAMASCENO, Athos. **Artes plásticas no Rio Grande do Sul (1875-1900)**. Porto Alegre: Globo, 1971.

FAGUNDES, Elisabeth Macedo de. **Inventário Cultural de Bagé**: um passeio pela história. Porto Alegre; Evangraf, 2005.

GUTIERREZ, Esther (Org.) **Marcucci, Zanotta e Casaretto constroem o sul do Novo Mundo**. Pelotas: UFPel, 2005.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Os passeios da cidade antiga**. Pelotas: Armazém Literário, 1994.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila, **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil**: 1870-1931. Tese (Doutorado em Arquitetura – área de Conservação e Restauro) Universidade Federal da Bahia, 2007.

WEIMER, Günter. A fase historicista da arquitetura no Rio Grande do Sul. In: FABRIS, Annateresa. (Org.) **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel, 1987.

Carlos Alberto Ávila Santos

Especialista em Cultura e Arte Barroca pelo Instituto de Artes e Cultura da UFOP. Mestre em Teoria, Crítica e História da Arte pelo Instituto de Artes da UFRGS. Doutor em Arquitetura Área de Conservação e Restauro pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Professor adjunto de História da Arte do Instituto de Artes e Design da UFPel.